

SEMELHANÇAS CULTURAIS ENTRE AS CIDADES DE UBERLÂNDIA (M. G.) E GOIÂNIA (GO)

Leandro Oliveira Silva

Universidade Federal de Uberlândia

silva-lo@hotmail.com

Denise Leonardo Custódio Machado de Oliveira

Faculdade Católica de Uberlândia

deniselcmo@hotmail.com

Resumo

O objetivo geral deste trabalho é abordar os aspectos culturais que as cidades de Goiânia-GO e Uberlândia-MG têm em comum. Neste sentido, procurou-se identificar os hábitos cotidianos dos uberlandenses e dos goianienses, que expressam as respectivas culturas locais. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e ainda em sítios eletrônicos, bem como, visita a alguns pontos das cidades mencionadas incluindo órgãos públicos, igrejas e praças, dentre outros, para o levantamento de dados. Após isto, os dados foram analisados. O presente estudo encontra-se dividido em três partes, além da introdução. O primeiro tópico apresenta um breve relato de alguns importantes fatos históricos relacionados à formação territorial dos atuais Estados de Minas Gerais e de Goiás, onde se situam, respectivamente, Uberlândia e Goiânia. No segundo tópico, faz-se uma caracterização de aspectos culturais destas duas cidades, procurando demonstrar as semelhanças entre ambas. E, finalmente, no último tópico, são tecidas algumas considerações a respeito da pesquisa realizada.

Palavras-chaves: semelhanças culturais; aspectos históricos; cidades.

Introdução

Os hábitos e costumes de uma determinada comunidade são elementos constituintes de sua cultura e têm intrínsecos os valores que orientam a vida e formam a identidade de seus habitantes – de seu povo. Conforme Claval (1999, p.63), “A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas”.

A cultura é transmitida de uma geração para a outra e também vai sendo alterada conforme o surgimento de novos conhecimentos, saberes, técnicas, valores, que têm origem tanto no interior da própria comunidade que partilha de uma mesma cultura, como do exterior desta, pela inserção de elementos originários de outras culturas, ou ainda, pela difusão de interesses políticos ou comerciais, inculcados nos indivíduos, muitas das vezes encobertos e/ou disfarçados por meio do discurso midiático, e que passa a fazer parte da cultura daquele povo. Importante destacar que os meios de comunicação de massa “além de veicularem as informações aos cidadãos, são responsáveis pela produção dos sentidos que circulam na sociedade e dão sustentação a determinadas formas de conceber a realidade” (SILVA & ALMEIDA, 2010, p.60).

Tem-se então um processo contínuo no qual a cultura vai se transformando na medida em que outros elementos passam a compô-la. No entanto, alguns rudimentos, como a língua, a culinária, a música, dentre outros, apesar de sofrerem alterações, estão presentes de forma muito marcante nos indivíduos, como afirma Claval (1999, p.64) “A língua que a família pratica entra assim na prodigiosa memória da criança. A língua materna é como um signo cultural indestrutível”.

Após identificar com base na observação de aspectos relacionados aos costumes e às tradições, a semelhança cultural entre Uberlândia e Goiânia deu-se início a esta pesquisa. Foram identificadas semelhanças na música, na culinária, no vocabulário, na religiosidade, assim como de outros hábitos presentes no dia-dia das pessoas, como frequentar feiras, bares e casas de show. E a partir da análise e comparação de tais aspectos, é que o presente estudo foi desenvolvido. Este trabalho teve por objetivo abordar alguns aspectos culturais que as cidades de Goiânia e Uberlândia têm em comum. Neste sentido, procurou-se identificar os hábitos cotidianos dos uberlandenses e dos goianienses, que expressam as respectivas culturas locais.

Analisando o processo de formação histórica de ambas as cidades, foi possível ainda, observar vários aspectos e fatos em comum na formação da região, o que permitiu identificar elementos anteriores à formação das cidades e outros ligados à constituição e desenvolvimento das mesmas, e que, contribuíram para a construção da cultura desses locais. Como lembra Corrêa (2003, p. 175) “*Cultura e Urbano* são termos profundamente relacionados. A cidade, a rede urbana e o processo de urbanização constituem-se em expressões e condições culturais”. Importante lembrar ainda, que a cidade propicia o surgimento e a manifestação de hábitos e costumes das mais variadas formas e num ritmo muito mais intenso que o do campo, ao menos em sua estrutura tradicional. O que não é o caso de uma grande parcela da população rural nos

dias de hoje no Brasil, que tem acesso aos bens de consumo, aos meios de comunicação (tv, antena parabólica, telefonia fixa e móvel, internet, etc), tendo acesso desta maneira, ao urbano, à cultura urbana (de massa). Fato que, no entanto, não será abordado com detalhes neste trabalho.

Tendo considerado tais fatores, para a realização deste trabalho, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, também em publicações disponibilizadas via internet, para a obtenção de dados históricos, geográficos e culturais relativos às duas cidades. Em Uberlândia foram realizadas visitas ao Museu Municipal de Uberlândia, à Casa da Cultura, à Oficina Cultural, ao Mercado Municipal, à Biblioteca Municipal, além de igrejas, feiras, parques e a algumas praças das duas cidades, para o recolhimento de dados e informações que permitissem identificar aspectos históricos e culturais presentes nestas localidades. Bem como, visitas ao Santuário de *Nossa Senhora da Abadia de Água Suja*, na cidade de Romaria-MG, nas proximidades de Uberlândia e, ao Santuário *Basílica Divino Pai Eterno*, em Trindade-GO, localizado na região metropolitana de Goiânia. Por fim, após as observações e os estudos realizados procedeu-se com a caracterização e correlação dos dados levantados.

O presente estudo encontra-se dividido em três partes, além da introdução. O primeiro tópico apresenta um breve relato de alguns importantes fatos históricos relacionados à formação territorial dos atuais Estados de Minas Gerais e de Goiás, onde se situam, respectivamente, Uberlândia e Goiânia, e ainda, de fatos ligados à constituição e desenvolvimento de ambas as cidades. No segundo tópico, faz-se uma caracterização de aspectos culturais destas duas cidades, procurando demonstrar as semelhanças entre ambas. E, finalmente, no último tópico, são tecidas algumas considerações a respeito da pesquisa realizada.

1- Formação histórica das cidades de Uberlândia (M.G.) e de Goiânia (GO)

Para entender o processo de formação e desenvolvimento histórico-cultural das cidades de Uberlândia e Goiânia, primeiramente serão abordados resumidamente alguns fatos históricos mais gerais, ligados ao início do processo de ocupação da região onde se encontram as cidades, quais sejam: a mesorregião do Triângulo Mineiro e o Centro-Sul do estado de Goiás. Em seguida serão tratadas as cidades, relacionando os elementos históricos e culturais em comum.

A partir da segunda metade do século XVII a Coroa portuguesa deu início no Brasil ao bandeirismo, com partida geralmente de São Paulo. O bandeirismo era chamado de apresador (quando os bandeirantes partiam em busca de índios para serem comercializados como

escravos), de prospector (quando procurava metais preciosos) e, sertanismo de contrato (que capturava escravos fugitivos e combatia índios) (COTRIM, 2005).

Nesse mesmo período partiu da Vila de São Paulo Bartolomeu Bueno da Silva, em direção ao centro-oeste brasileiro, até então desconhecido pelos portugueses. Ele comandava uma bandeira de prospecção, que passou pelo Sertão da Farinha Podre (hoje Triângulo Mineiro), em direção à região onde atualmente é o Estado de Goiás, encontrando ouro, por volta de 1725. Durante certo período (1720 a 1748), a atual região que compõe o Triângulo Mineiro esteve sob domínio paulista (GUIMARÃES, 2010, p.36).

Devido às peculiaridades da região, tanto no que se refere à sua formação histórica, quanto às próprias características da paisagem local, a

“identidade regionalista constituída ao longo da formação histórica rendeu aos habitantes do Triângulo Mineiro uma resistência ao pertencimento às Minas Gerais e às suas próprias características e diferenciações para com a tipificação tradicional do mineiro” (GUIMARÃES, 2010, p. 32).

Esta porção do território brasileiro sofreu um processo de ocupação tardio, se comparada às áreas litorâneas, bem como, parte considerável do interior dos Estados de São Paulo e Minas Gerais (porção centro-leste). Somado a isso, o fato de conter características distintas das demais áreas, como já mencionado, são elementos que contribuíram para a formação de uma identidade própria. Além disso, houve ainda a influência dos habitantes do interior paulista, devido à ligação por meio da passagem das tropas por aquela região, já com uma ocupação consolidada. Ainda de acordo com Eduardo Nunes Guimarães,

“a diversidade das Gerais e suas múltiplas variações regionais produziram outros tipos de mineiro, incluindo formas específicas de comportamento e até de variações no sotaque, como aqueles que habitam o Triângulo Mineiro, resultante das novas inserções na economia nacional”. (GUIMARÃES, 2010, p. 33).

Desde o início do processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro as áreas hoje conhecidas por Triângulo Mineiro e Goiás tiveram relações estreitas, pois “A ligação da Cidade de Goiás (Goiás Velho), capital do estado até então com o mercado da região Sudeste acontecia pela rota salineira, que tinha como pontos de passagem o Triângulo Mineiro” (ELIAS, SPOSITO &

SOARES, 2010, p. 164), bem como, pela Estrada de São Paulo (rota do Anhanguera). O Sertão da Farinha Podre funcionava então como entreposto comercial encarecendo os produtos que iam pra Goiás (ELIAS, SPOSITO & SOARES, 2010). Assim, em 1741, formaram-se aldeias ao longo da rota de São Paulo, por ordem do governador de Goiás, para “dar apoio e proteção ao fluxo de pessoas e mercadorias nas terras do Julgado de Desemboque” tendo como resultado a passagem, em 1748, da área em questão para a Província Goiás (GUIMARÃES, 2010, p. 37) - quando esta capitania se tornou independente, até o ano de 1816, passando a pertencer à Província de Minas Gerais, que pretendia colonizar a região.

Um aspecto interessante a ser observado com relação à anexação da área do Sertão da Farinha Podre (compreendido legalmente naquele período pelos julgados de Desemboque e Araxá) à Província de Minas Gerais, uma vez que incorporados à Comarca de Paracatu, é que esta anexação “ocorreu tão-somente em termos civis, pois esta região continuaria ainda por vários anos subordinada à administração eclesiástica de Goiás e guarnecida por tropas militares daquela jurisdição” (GUIMARÃES, 2010, p.38), mantendo desta forma, relações estreitas entre as duas áreas.

No ano de 1823, as famílias Carrejo, Alves Carrejo e Pereira chegam à região do Triângulo Mineiro, onde adquirem muitas terras. Logo após, em 1858, o local (onde hoje se encontra o município de Uberlândia) é reconhecido como Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro do Uberabinha, passando, em seguida, a ser denominado São Pedro do Uberabinha. Após a elevação à categoria de Vila, em julho de 1888, em 31 de agosto do mesmo ano, Uberlândia é reconhecida como município, ainda sob o nome de Uberabinha, passando a ser chamada de Uberlândia somente em outubro de 1929, por meio da Lei estadual 1.128 (UBERLÂNDIA, 2009).

No que se refere ao Estado de Goiás, no ano de 1891 surgiu a ideia de mudar a capital para uma área estratégica. Porém, somente em 1932, começou a ser implantada no governo de Pedro Ludovico, o qual “assina, em 18 de maio de 1933, o Decreto nº 3.359, que estabelecia as bases para a edificação da nova capital” (CHAUL, 2009, p. 102), após já ter sido definido pela comissão escolhida pelo governador, que a nova capital seria construída na região do município de Campinas (hoje um bairro de Goiânia). Neste mesmo ano, foi dado início à construção que culminou na transferência definitiva da Capital do Estado de Goiás, da cidade de Goiás, para a cidade de Goiânia, em 1937. Entretanto, o batismo cultural só ocorreu no dia 5 de julho de 1942.

É interessante ressaltar o que representava naquele momento a construção de uma nova capital para o estado, sobretudo, para a elite, no âmbito da política. Como lembra Chaul (2009, p. 103) “A mudança da capital passava ao seu significado mais global: um símbolo de ascensão ao poder, uma representação do progresso, do moderno, um divisor de águas entre o velho e o novo Goiás”. A construção de Goiânia para além do discurso do progresso envolvia também, questões políticas e ainda de acordo com Nasr Fayad Chaul

“A ideia de mudança da capital era uma bandeira eleitoral que ocultava a face real de seu intento: não se tratava apenas de deslocar os Caiado do centro de poder, Goiânia representava o veículo de condução político-burocrática capaz de levar o Estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras economicamente mais desenvolvidas do Estado” (CHAUL, 2009, pag. 104-105).

Guardadas as diferenças no que se refere ao momento e contexto histórico do surgimento de ambas as cidades em questão, é válido destacar que Uberlândia teve o seu desenvolvimento, diga-se de passagem, rápido e em larga escala, fundamentado também, neste paradigma progressista, tendo a modernidade e o progresso como objetivos a serem atingidos. Em Uberlândia

As elites político-econômicas, em suas ousadas intervenções espaciais urbanas, criaram uma imagem urbana moderna, e mais, conseguiram fixá-la, incorporá-la ao imaginário popular, como sendo ela mesma o lugar da ordem, trabalho e ascensão social, ainda que seus problemas sejam escamoteados. (ELIAS, SPOSITO & SOARES, 2010, p. 173).

Tem-se então, uma construção cultural com base nos valores do capital, inseridas na sociedade por meio de interesses dos grupos de poder (econômico, político etc.), Corrêa (2003, p. 177-178) ressalta que a cidade “ao ser transformada em mercadoria e incorporada ao processo de acumulação capitalista, particularmente após 1970, as formas simbólicas são redefinidas tanto em termos de formas e funções como de significados”, o que ocasiona por sua vez, uma série de impactos na sua paisagem urbana, ainda de acordo com este autor. Em outro trecho, ele afirma que,

“Se a paisagem urbana é um produto do trabalho social, profundamente impregnada de relações sociais e conflitos, e não o produto de um indeterminado agente denominado cultura, a paisagem urbana desempenha, por intermédio daqueles que a controlam e definem novos significados, a tarefa de apagar ou minimizar aquelas

relações e conflitos e, ao mesmo tempo, promover aquilo que seus colaboradores desejam, isto é, transformá-la em produto espontâneo, natural, e fruto de uma tradição da qual a harmonia social e o desejo de progresso são partes integrantes” (CORRÊA, 2003, p. 181).

Quer se chamar atenção ainda, ao papel realizado pelos meios de comunicação de massa na difusão dessa imagem da cidade moderna. Pois como lembram (SILVA & ALMEIDA, 2010), com relação ao papel da mídia na difusão desta imagem na cidade de Goiânia, ainda em 1942, ao mencionar que “já naquela época, cumpria o papel de reforçar o poder político local e oferecer caminhos para que a representação de capital moderna pudesse circular nos grupos e no interior da sociedade” (p. 66). Entretanto, nota-se que muitas características de uma cultura, poderíamos dizer, mais tradicional, se mantêm, como afirmam Silva & Almeida

“Não obstante, ainda hoje, prevalecem objetos e costumes do passado rural no modo de vida e no imaginário da população. Embora o espaço urbano de Goiânia encontra-se dominado pelos donos do capital, ele traz marcas de uma herança rural ainda próxima, como as conversas na “porta de rua”, os restaurantes que servem comida no fogão a lenha” (SILVA & ALMEIDA, 2010, p. 67).

Em Uberlândia não é diferente, vários aspectos relacionados ao modo de vida rural, oriundos de seu processo de formação, se encontram presentes ainda hoje e de forma muito marcante. Encontram-se na cidade, assim como em Goiânia, “restaurantes que servem comida no fogão de lenha”, tanto na cidade, quanto no campo - nas proximidades da cidade, com decoração que remetem ao meio rural, por exemplo. Assim, é possível dizer com relação a Uberlândia, o mesmo que Silva & Almeida (2010), relatam sobre Goiânia, quando dizem que “Outros aspectos da cultura sertaneja ainda estão presentes nas representações de religiosidade popular, na literatura, na dança e na música, na culinária, e em outros eventos de origem rural” (p. 67).

Então, com base na identificação de tais semelhanças se dará sequência, apresentando as principais características que definem, basicamente, os aspectos culturais selecionados para o estudo em questão, a saber: a música, a culinária, o vocabulário, a religiosidade e hábitos cotidianos voltados para o lazer, tais como frequentar feiras, bares e casas de shows.

2-Um pouco sobre as culturas uberlandense e goianiense

Para se abordar as culturas uberlandense e goianiense, selecionou-se aspectos que permitem caracterizar, de modo geral, a cultura de um povo, e também, por estes estarem presentes de forma marcante nas duas localidades investigadas, evidenciando as semelhanças entre ambas.

Música

No que se refere à música, é evidente a predominância da música sertaneja na preferência da maior parte da população, tanto de Goiânia, quanto de Uberlândia. A música sertaneja e a caipira, características da região, não são as únicas formas de expressão musical presentes nas duas cidades, mas ainda prevalecem, apesar de sua constante alteração ao longo dos anos. E como enfatiza Ivan Vilela ([s. d.], p.1) no seu estudo “Cantando a própria história”, “essas músicas trouxeram a nós o cotidiano do camponês do Centro-Sudeste do Brasil, o caipira, utilizando vozes e instrumentos como a viola e o violão”. Com relação à gênese deste estilo musical, Ivan recorda que

“A música, que já era elemento de uso comum aos indígenas, foi mantida pela prática da catequese que se utilizava de música e teatralização. Inventários já apontam a presença de violas em São Paulo a partir de 1613, o que nos faz crer que esses instrumentos foram utilizados ainda no século XVI. Desde essa época, a música e a viola não mais deixaram de fazer parte do cotidiano caipira” (VILELA, [s. d.], p. 5).

Vale lembrar também que a música sertaneja vem sofrendo fortes alterações ao longo do tempo, e que estas refletem as próprias alterações que a sociedade goiana sofreu. Conforme Silva e Almeida

“A partir da década de 1980, a expansão e a exploração comercial da chamada música sertaneja romântica e, mais recentemente da música country, apontou para uma ruralidade resinificada. Antigas práticas socioculturais desenvolvidas no campo, revestidas de um caráter cosmopolita, assumem novos significados” (SILVA & ALMEIDA, 2010, p. 70).

Conforme Vilela ([s. d.], p. 8) “As narrativas caipiras normalmente expõem uma organização social à base de sólidos valores de sociabilidade e solidariedade”. E desta forma, é possível

notar por meio da música caipira (sertaneja), alterações ocorridas na sociedade. Como por exemplo nesta análise realizada por Vilela, citando como exemplo a passagem na qual dupla

“Vieira e Vieirinha gravaram o cururu Roubei Uma Casada de Teddy Vieira e Lourival dos Santos. Esta canção é curiosa por dois aspectos. Primeiro que cada estrofe parte de uma carreira distinta; segundo que com o êxodo rural os valores dos migrantes, agora na cidade grande, foram se transformando e inocentemente eles revelam estas mudanças em suas músicas” (VILELA, [s. d.], p. 8).

Como resultado de todas essas mudanças “A viola é substituída por instrumentos eletrônicos e determinados elementos da cultura urbana de massa são incorporados nas composições e arranjos musicais” (SILVA & ALMEIDA, 2010, p. 70). No entanto, representantes de outras vertentes da música goiana, se posicionam contra a generalização que é feita em relação à música no Estado, como lembra Verônica Aldé, musicista e pesquisadora do Instituto Trópico Subúmido (ITS) da Universidade Católica de Goiás (UCB), ao ressaltar que: “Enquanto a cultura do Norte, Nordeste e Sudeste foi bastante divulgada no país, a cultura do Cerrado ainda é pouco conhecida. As pessoas acham que no centro do Brasil só se produz música sertaneja”. (ALDÉ, 2009, apud DIAS, 2009).

Mas ainda que haja uma visão preconceituosa que homogeneiza a música e a cultura da região, não se pode negar esta característica, uma vez que é parte fundamental da cultura e permanece arraigada a esta. Podem, enfim, ser citadas duplas da música sertaneja, que fazem e/ou já fizeram muito sucesso em todo o país, como Zezé di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone e, mais recentemente Vitor e Léo, Jorge e Mateus, dentre várias outras. Essas duplas, que percorrem todo o Brasil e levam multidões aos seus shows, mostram a força que esse estilo adquiriu e deixam bem claro o quanto a música sertaneja está fortemente presente na cultura da região do cerrado, onde estão localizadas as cidades de Goiânia e de Uberlândia.

Além disso, em ambas as cidades realizam-se eventos culturais (festivos, religiosos), que envolvem a música, como a “Folia de Reis” e a “Congada”, os quais serão abordados no tópico “Religiosidade”.

Culinária

A culinária, tanto da cidade de Goiânia, quanto da de Uberlândia, está muito ligada à vegetação da região. Estando as duas cidades inseridas no cerrado, usufruem dos frutos típicos desse

bioma, para compor o seu cardápio. O maior exemplo talvez seja o pequi, famoso na culinária goiana, e muito apreciado também pelos mineiros.

O pequi é uma fruta de aroma forte e de coloração amarela, típica do cerrado goiano que, se servido inteiro deve ser raspado e não mordido, pois no seu interior, possui centenas de espinhos difíceis de serem retirados. Segundo a professora Sonia Darc, ainda no início do século XVIII, nas antigas vilas de Meia Ponte (hoje município de Pirenópolis), e Vila Boa (atual município de Vila Boa), o pequi começou a ser utilizado na culinária goiana (GOIÁS, [s. d.]).

Vários outros frutos podem ser citados, como por exemplo, a guariroba, a cambuquira, o milho verde, através do qual são feitos outros pratos famosos na região, como a pamonha, o curau e o angu de milho verde. Dentre os pratos que estão no topo da lista dos uberlandenses e goianienses, encontram-se também a galinhada, o arroz com suã e o pão de queijo, que é tradição mineira, mas também bastante apreciado em Goiás (UBERLÂNDIA, [s. d.]).

Vocabulário

O ser humano se comunica ou se expressa através de diversas formas, sejam elas oral, corporal, ou, facial. Conforme Claval (1999) “Modalidade natural, a comunicação oral e gestual não necessita de nenhum instrumento e é utilizável por todos” (p. 66), em outro trecho, ele afirma que “No domínio dos comportamentos sociais, o gesto e a palavra dão origem a rituais. Cada cultura tem os seus” (p. 67). Para se comunicar, então, o homem cria códigos, e a maneira como esses códigos e expressões são transmitidos ou captados varia de acordo com cada ser, ou, grupo social. “Os códigos tornam transmissíveis as informações e as estruturam de tal maneira que podem não somente descrever o que existe, mas serem aplicadas a situações novas” (CLAVAL, 1999, p. 86).

Paul Claval (1999) afirma ainda que “A língua é um código que permite exprimir um número ilimitado de outros códigos” (p. 86), e ainda, que “O vocabulário enriquece-se e evolui” (p. 87), se referindo à plasticidade da cultura e à incorporação de outros elementos a esta. Com relação à gênese das características do vocabulário e do sotaque da região do Triângulo Mineiro e Centro-Sul de Goiás, faz-se referência à língua brasílica ou *nheengatu*, desenvolvida pelo jesuíta José de Anchieta, que de acordo com Vilela ([s. d.], p. 4) apesar de ter sido proibida pela coroa portuguesa em 1734, era falada “duas vezes mais *nheengatu* que português de São Paulo ao Rio Grande do Sul até o final do século XVIII”. Necessário lembrar, como já mencionado no tópico 1 (*Formação histórica das cidades de Uberlândia (M.G.) e de Goiânia (GO)*), a estreita relação entre Estado de São Paulo e área de estudo deste trabalho. Ademais, dadas as peculiaridades do processo de ocupação da região, surgiram a

partir daí, expressões características desta, bem como, foram incorporadas outras, se tornando também um traço marcante em sua cultura.

Então, levando-se em conta a expressão oral, um mesmo idioma pode tomar diferentes formas, em função da fonética atribuída às palavras. De acordo com cada sotaque uma palavra pode soar de várias maneiras diferentes, mas sem alterar seu sentido. No caso do Brasil isso é muito comum, pela sua extensão territorial e pela diversidade étnica que compõe a população. Ainda é possível notar em cada região a criação de expressões que facilitam a comunicação social, e que caracterizam de certa forma a cultura daquela comunidade. Neste tópico, pretende-se mostrar as expressões da fala, comuns tanto ao povo uberlandense e triangulino, quanto ao povo goianiense e goiano de modo geral, deixando clara a proximidade entre as duas culturas.

Dentre as expressões mais utilizadas pode-se destacar o “uai”. Essa expressão não tem um sentido muito bem definido, é utilizada em muitos casos quando se vai explicar algo, em perguntas, ou em situação de espanto (uai!). Outra que talvez seja muito marcante também é o “bão”, utilizado em cumprimentos, substituindo o “tudo bem”.

A seguir (Quadro 1) são listadas algumas expressões bastante utilizadas, com uma breve explicação de seu significado local/regional. Tal listagem foi feita com base nos Dicionários: “DICIONARIO GOIANO. CurtaMais – Goiânia”, “Micro-dicionario Goianes-Portugues” e, “Vocabulário Mineiro”.

Quadro 1 – Expressões típicas dos vocabulários mineiro e goiano			
EXPRESSÃO	SIGNIFICADO	EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
Alugar	Conversar “fiado”	Madurar	Amadurecer
Anêin (Ah, neim!)	O mesmo que ‘Ah, não!’	Mala	Malandro
Arredar	Arrastar, tirar, ou usa-se para pedir para uma pessoa se afastar de algo (ex: arreda daí sô!).	Massa	Algo bom, que agrada.
Bão demais da conta!	Muito bom!	Mocorongo	Bobo
Buzú	Ônibus, transporte coletivo.	Mocozá	Esconder
Arvrinha	Árvore pequena.	Né?	Não é?
Arvrona	Árvore grande	Num dô conta	“não consigo”, “não sei”.
Corguim - Lê-se córrr-guim.	Diminutivo de corgo.	Paia	Sem graça.
Corgo - Lê-se córrr-go.	Córrego	Pelejar	Tentar

Custoso	Situação ou pessoa complicada.	Piqui	Pequi, fruto típico do Cerrado (domínio morfoclimático que ocorre na região).
Dar rata	Cometer gafe	Pindaíba	Falta de dinheiro.
De doce	Doce	Pizêro	Bagunça
De sal	Salgado	Pulou o corguim	Passou dos limites, exagerou.
Dó	Pena, compaixão	Purgante	Chato, enjoado.
Encabulado	Impressionado	Quando é fé	“de repente”, ou “até que”.
Espial!	Olha	Quinem	Igual
Estrupício	Feio, horrível	Ridico	Egoísta
Fi	Filho	Sô	Refere-se à pessoa com quem se está falando, utilizado no final de frases geralmente (ex: uai, sô!)
Frevo	Festa, multidão.	Tamborete	Banquinho de madeira.
Galinhada	Arroz com galinha	Tem base?	“Pode ser uma coisa dessas?”
Guariroba	Espécie de plantio amargo.	Tirar água do joelho	Urinar
Larga	Deixa	Tranqueira	Coisa velha ou feia.
Lascado	Encrencado	Travado, mamado	Bêbado, embriagado
Trem	Coisa, objeto.	Tunda	Surra
Vazar	Ir embora do lugar.	Zangô	Estragou

QUADRO 1 – Expressões típicas dos vocabulários mineiro e goiano.

FONTE: CURTA MAIS GOIÂNIA. **Dicionário goiano.** Goiânia: CurtaMais Editora Ltda, ano II, n. 14, junho 2008, p. 11.; MICRO-DICIONÁRIO GOIANES-PORTUGUES. Disponível em: <<http://www.uhull.com.br/06/07/dicionario-goianes>>; e, VOCABULÁRIO MINEIRO. Disponível em: <<http://www.nlnp.net/vocamin.htm>>.

Estes são alguns dos exemplos das expressões que a população do Triângulo Mineiro e do centro-sul de Goiás, e, neste contexto, respectivamente, de Uberlândia e de Goiânia, tem em comum no seu vocabulário, evidenciando uma proximidade não apenas espacial, mas também cultural.

Religiosidade

A religiosidade também se configura como um aspecto comum entre as duas localidades em questão. Assim como uma tendência no Brasil - onde segundo dados do censo do IBGE para o ano de 2000, 73,6% da população do país se declarou católica apostólica romana e 15,4% se declararam como protestantes (evangélicos); chegando no ano de 2010, a um número de católicos correspondente a 64,6% da população brasileira, enquanto os evangélicos passaram a

somar 22,2% da população, com destaque para os evangélicos pentecostais, segmento que vem apresentando um rápido crescimento percentual, sendo que só estes somam 13,3% da população brasileira. Tanto em Goiânia, como em Uberlândia, tem-se movimentos religiosos provenientes, sobretudo, de católicos e de protestantes. Como exemplo, pode-se destacar tanto a realização de shows de bandas e a formação de grupos religiosos, como também as romarias.

No presente estudo serão abordadas particularmente as romarias da comunidade católica às hierópolis vizinhas, pelo fato de estarem intimamente ligadas à história e à cultura (tradicional) das duas cidades, e também por mobilizarem um grande número de pessoas. Segundo Rosendahl (2003, p. 206) hierópolis ou cidade-santuário corresponde a “(...) todos aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional”. Neste sentido, é comum a peregrinação de católicos às hierópolis de Trindade (GO) e de Romaria (M.G.).

Na região metropolitana de Goiânia está localizada a cidade de Trindade, onde se encontra o Santuário Basílica Divino Pai Eterno e para onde se dirigem vários fieis de Goiânia, na época da festa do Divino Pai Eterno.

A romaria para o Santuário ocorre no primeiro domingo de julho, todos os anos, e atrai fieis de vários lugares. De acordo com o *site* do Santuário,

durante os nove dias, que antecedem o grande dia de festa, são celebradas missas, novenas, encontros com jovens, casais, carreiros do Divino Pai Eterno (procissão dos carros-de-boi), foliões, tropeiros, e muito mais. Também são atendidas milhares de confissões e realizados centenas de batizados neste tempo de intensa presença de Deus em Trindade. (SANTUÁRIO DO DIVINO PAI ETERNO, 2009).

No tocante às peregrinações do Triângulo Mineiro, encontra-se na cidade de Romaria o Santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, que assim como o Santuário Basílica Divino Pai Eterno em Trindade, atrai fieis de toda a região e também de fora do Estado de Minas Gerais. E é para lá que vão os romeiros de Uberlândia, quando ocorre a Festa em Louvor a Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, na primeira quinzena do mês de agosto, todos os anos. Além das já mencionadas, há que se destacar outra festa religiosa de tradição católica, qual seja, a Folia de Reis, consistindo em um evento que ocorre em ambas as cidades.

Assim, a Folia de Reis reúne

“[...] grupos de devotos dos Três Reis Magos que normalmente no período entre 24 de dezembro a 6 de janeiro, anualmente, portando instrumentos musicais e um estandarte alusivo à devoção, fazem visitas nas casas, onde realizam louvações cantadas ao Menino Deus e aos Reis Magos [...]” . (IKEDA, 1994, p. 169).

Ainda conforme Ikeda (1994, p.167-168) embora a folia de reis seja uma festa que “[...] têm se preservado mais em ambientes rurais ou pequenas cidades de ‘espírito’ predominantemente rural”, no tocante à Goiânia, esta localidade, “[...] apesar da sua [...] conjuntura nos moldes das modernas cidades, mantém de forma bastante dinâmica e abundante a prática dessa modalidade religiosa popular”. (IKEDA, 1994, p. 167). Neste sentido, pode-se dizer que tal fato se perpetua até os dias atuais, haja vista que para a festa deste ano (2013), estimou-se a participação de mais de 50 grupos de folia, tanto locais como provenientes do interior de Goiás (TIMM, 2013).

De forma semelhante, em Uberlândia, esta festa devocional também envolve cerca de 50 grupos da própria cidade, embora receba diversas Folias oriundas de outros Estados brasileiros (UBERLÂNDIA, 2013).

Portanto, mediante o exposto, percebe-se que, Goiânia e Uberlândia constituem-se em exemplos de cidades brasileiras que, apesar do crescimento e modernização vivenciados, preservam algumas tradições culturais, de cunho religioso.

Hábitos cotidianos voltados para o lazer: feiras, bares e casas de show

Outra característica que as cidades em tela têm em comum é o hábito da população de frequentar feiras, bares e casas de shows, principalmente nos finais de semana. Quanto às feiras podemos destacar aqui, as feiras Hippie e da Lua em Goiânia, e a Feira da Gente e a Feira da Lua (por sinal, organizada por feirantes de Goiânia quinzenalmente), em Uberlândia.

Embora as feiras se constituam em locais essencialmente destinados ao comércio, estas se caracterizam, ao mesmo tempo, em espaços de lazer e de entretenimento, atraindo pessoas não só pelos produtos que oferece, mas também por permitir um ambiente descontraído e de convívio social (o chamado “ponto de encontro”) para seus frequentadores.

Os bares e casas de show são locais que atraem um elevado número de pessoas, que têm ali um momento de descontração e de encontro com os amigos. Goiânia e Uberlândia possuem um

grande número destes tipos de estabelecimentos, disponibilizando assim várias opções de lazer aos seus habitantes.

Considerações finais

Com o desenvolvimento deste trabalho pôde-se perceber que as semelhanças culturais entre as cidades de Goiânia e Uberlândia se devem a uma série de fatores, desde o processo de exploração da região pelo bandeirismo, passando por conflitos políticos, religiosidade, vocabulário e sotaque, a música, até o discurso da modernidade, presentes de forma tão marcante em ambas as cidades. Outro fator de grande importância também na definição destas semelhanças é o fato de estarem localizadas no mesmo domínio morfoclimático, o cerrado – que influencia fortemente na culinária da região, como já foi abordado.

É interessante ressaltar que tais semelhanças não sugerem uma homogeneidade de toda a região abrangida pela mesorregião do Triângulo Mineiro e Centro-Sul de Goiás, nem tampouco entre as cidades de Uberlândia e Goiânia. Ambas têm suas peculiaridades surgidas em âmbito local, ou até mesmo inseridas em outro contexto. Entretanto, é importante compreender os motivos e processos que levaram as duas cidades adquirirem características tão próximas, uma vez que está envolvida aí a questão da identidade regional, indicando relações estreitas entre os habitantes de tal região.

Espera-se que o conhecimento dos aspectos culturais locais e regionais identificados nesta pesquisa, contribuam para o esclarecimento do tema proposto e estimule novos trabalhos neste âmbito. A percepção do entrelaçamento destas duas culturas, através de aspectos tão marcantes, foi um dos pontos positivos. Tornando possível compreender a cultura como uma construção, num processo contínuo, no qual, na mesma medida em que são inseridos novos elementos, persistem outros, mais antigos, ainda que ressignificados ao longo do tempo.

Ainda com respeito à inter-relação entre as duas cidades ora analisadas, Uberlândia se aproxima muito da capital goiana não só pelos aspectos culturais, mas também pelo seu caráter de cidade pólo, bem como, pelos eixos viários que interligam as duas cidades, intensificando-se, cada vez mais, não só a relação comercial, mas também o fluxo migratório entre as mesmas.

É importante esclarecer que este trabalho deve ser entendido, ainda, como uma contribuição (embora sucinta) aos estudos que contemplam a dimensão cultural da cidade, com a perspectiva

de que outras pesquisas, sobre esta temática, venham a ser desenvolvidas, no âmbito da Geografia Cultural e de outras disciplinas.

Referências

CHAUL, N. N. F. **Goiânia: a capital do sertão**. Extensão e cultura (UFG), v. 6, p. 100-110, 2009. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009>. Acesso em: fev.2013.

CLAVAL, P. Transmissão da experiência coletiva e gênese das culturas. In: _____ (org.) **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999, p. 63-88.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167-186.

COTRIM, G. **História global: Brasil e Geral**. São Paulo: SARAIVA S.A. – Livreiros Editores, 2005.

CULINÁRIA GOIANA. Disponível em: <www.uraonline.com.br/culinari/culinaria_especial/culinaria_goiana.html>. Acesso em: 16 maio.2009.

CURTA MAIS GOIÂNIA. **A Terra Santa é aqui**. Goiânia, CurtaMais Editora Ltda, ano II, n. 14, junho 2008, p. 8-9.

CURTA MAIS GOIÂNIA. **Dicionário goiano**. Goiânia: CurtaMais Editora Ltda, ano II, n. 14, junho 2008, p. 11.

DIAS, S. **Cultura, resistência, memória e identidade**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=42&id=512>>. Acesso em: jan. 2013.

GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Coordenação. DARC, S. **Geografia de Goiás**. [s. d.]

GUIMARÃES, E. N. A influência paulista na formação econômica e social do Triângulo Mineiro. In: _____ (Org.) **Formação e desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro: integração nacional e consolidação regional**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 31-57.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: fevereiro 2013.

IKEDA, A. T. Folias de Reis, sambas do povo; ciclo de reis em Goiânia: tradição e modernidade. **Senri Ethnological Reports** 1, 1994 p. 167-207. Disponível em: <http://ir.minpaku.ac.jp/dspace/bitstream/10502/1149/1/SER01_007.pdf>. Acesso em: 13 fev.2013.

MICRO-DICIONÁRIO GOIANES-PORTUGUES. Disponível em: <<http://www.uhull.com.br/06/07/dicionario-goianes>> Acesso em: 16 maio.2009.

NOSSA SENHORA DA ABADIA DE ÁGUA SUJA. Disponível em: <www.senhoradabadia.com.br>. Acesso em: 25 jun.2009.

ROSENDAHL, Z. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 187-224.

SANTUÁRIO BASÍLICA DIVINO PAI ETERNO. Disponível em: <<http://www.paieterno.com.br/>> Acesso em: 25 jun.2009.

SILVA, C. A. da; ALMEIDA, M. G de. **Goiânia “cidade sertaneja”, “capital country”**: mídia, representações sociais e identidades. *Habitus*, Goiânia, v. 8, p. 59-84, 2010. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/view/2170/1338>>. Acesso em: jan.2013.

SOARES, B. R., RAMIRES, J. C. L., OLIVEIRA, H. C. M., MELO, N. A., SOUZA, M. V. M., FILHO, V. R. Uberlândia (MG): Leituras Geográficas de uma cidade média em transição. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org.) **Tandil e Uberlândia: agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 157-192

TIMM, N. Folia de Reis. 12º Encontro de Folia de Reis de Goiânia. **ENT Nádia Timm Revista Eletrônica**. 20 Jan. 2013. Disponível em: <http://www.nadiatimm.com/nt01/index.php?option=com_content&view=article&id=46>. Acesso em: 13 fev.2013.

UBERLÂNDIA. **Banco de Dados Integrados**. Uberlândia, 2009. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>> Acesso em: mar.2011.

_____. **Folia de reis**. Uberlândia, 2013. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=23&pg=121>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. Secretaria Municipal de Cultura. LOPES, V. M. Q. C, GOMES, A. R, PAMPLONA, G. **Tradições Culturais: Uberlândia –Minas Gerais.** [s. d.].

VILELA, I. **Cantando a própria história.** [s. d.]. Disponível em: <http://musicadesaopaulo.com.br/ivan_vilela.pdf>. Acesso em: fev.2013.

VOCABULÁRIO MINEIRO. Disponível em: <<http://www.nlnp.net/vocamin.htm>> Acesso em: 16 maio.2009.